

PERFIL DE CONSUMO DE TABACO NA FORMA DO NARGUILÉ DE UMA COMUNIDADE VIRTUAL DE SETE LAGOAS - MINAS GERAIS

Sabrina de Oliveira Rosa¹

Fernanda Pereira Guimarães²

RESUMO

O uso de tabaco através do narguilé apresenta-se de forma atrativa e luxuosa, mas causa inúmeros problemas na saúde do usuário, como doenças pulmonares e cânceres. Dessa forma, este trabalho questionou: qual o perfil de consumo de tabaco na forma de narguilé de uma comunidade virtual de Sete Lagoas-MG? Partiu-se das seguintes hipóteses: (i) a maioria dos usuários é composta por adultos jovens que usam rotineiramente o narguilé, (ii) os usuários conhecem os malefícios da prática; (iii) sofrem efeitos colaterais de intoxicação e dependência do tabaco. Neste sentido, a pesquisa teve como objetivos: identificar o perfil de consumo dos usuários de narguilé dessa comunidade; compreender os efeitos da dependência química e a percepção do usuário de narguilé por meio de sensações sobre o efeito durante e após o uso do dispositivo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa quantitativa e descritiva, durante sete dias do mês de março de 2020, através de um questionário semiestruturado enviado a um grupo de *WhatsApp* de consumidores de narguilé. Foram obtidas 22 respostas que indicaram: maior consumo por adultos jovens, do sexo masculino, que utilizam o narguilé pelo menos uma vez por mês e possuíam conhecimento dos malefícios à saúde. A maioria dos entrevistados relatou tristeza, irritabilidade, ansiedade, tremores e tosse em períodos de abstinência, que podem estar associados à dependência de nicotina. Portanto, é preciso conhecer o perfil do usuário de narguilé para que os profissionais de saúde, em especial o farmacêutico, tracem medidas de controle a fim de minimizar os efeitos colaterais causados pela dependência ao tabaco.

Descritores: Narguilé. Tabaco. Nicotina.

ABSTRACT

The use of tobacco through water pipe smoking presents itself in an attractive and luxurious way, but causes numerous problems in the health of the user, such as lung diseases and cancers. Thus, this work asked: what is the profile of tobacco consumption through water pipe smoking of a virtual community in Sete Lagoas-MG? We started from the following hypotheses: (i) the majority of users are young adults who routinely use the water pipe smoking, (ii) users know the harmful effects of the practice; (iii) suffer side effects from intoxication and tobacco dependence. In this sense, the research aimed to: identify the consumption of water pipe smoking user's profile in this community; understand the effects of chemical dependency on water pipe smoking user and their perceptions through sensations about the effect during and after using the device. To this end, a quantitative and descriptive survey was carried out for seven days in March 2020, using a semi-structured questionnaire sent to a *WhatsApp* group of water pipe smoking consumers. There were 22 responses that indicated: higher consumption by young, male adults, who use water pipe smoking at least once a month and were aware of the health hazards. Most respondents reported sadness, irritability, anxiety, tremors and cough in periods of abstinence, which may be associated with nicotine addiction. Therefore, it is necessary to know the profile of water pipe smoking user, so that health professionals, especially pharmacists, outline control measures in order to minimize the side effects caused by tobacco dependence.

Descriptors: Water pipe. Tabacco. Nicotine.

¹ Discente de graduação de Farmácia da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. E-mail: sabrina.rosa-sl@hotmail.com

² Bióloga, Mestre em Botânica. Orientadora da pesquisa e docente da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas - MG. E-mail: fpguimaraes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O tabagismo é caracterizado pelo uso de tabaco, planta da qual é extraída a nicotina, que por sua vez, pode levar o indivíduo a sofrer vários distúrbios crônicos dos sistemas respiratório e circulatório (INCA, 2019a; OZGUNAYA *et al.*, 2018). O uso do tabaco foi difundido rapidamente em todos os cantos do mundo, através de campanhas publicitárias e marketings avançados (SALES *et al.*, 2019). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), em 2018 havia cerca de 1,1 bilhões de consumidores de tabaco em todo o planeta.

A prática de se tornar um tabagista pode ocorrer através de diferentes dispositivos, como: cigarro comum, cigarro de palha, cigarro eletrônico, narguilé e outros. Embora o cigarro seja a forma prevalente, a utilização do narguilé, apesar de ser uma prática remota, vem obtendo espaço no cenário atual e provocando inúmeros efeitos nocivos à saúde da população, especialmente entre os jovens (INCA, 2019a; SALES *et al.*, 2019). Similar a um cachimbo, o narguilé usa o vapor de água para aquecer o tabaco e/ou outras substâncias ou essências, cuja fumaça é aspirada pelo usuário (PASSOS; OLIVEIRA, 2019). Por ser considerado por muitos um dispositivo natural, seu consumo tem crescido consideravelmente, uma vez que o público desconhece os riscos e a possível dependência que o equipamento pode provocar (ROCHA *et al.*, 2019).

Desta forma, a presente pesquisa questiona: qual o perfil de consumo de tabaco na forma de narguilé de uma comunidade virtual de Sete Lagoas-MG? Partiu-se das seguintes hipóteses: (i) a maioria dos usuários é composta por adultos jovens que usam rotineiramente o narguilé, (ii) os usuários conhecem os malefícios da prática; (iii) sofrem os efeitos colaterais causados pela intoxicação e dependência do tabaco. O objetivo geral foi caracterizar o perfil de consumo dos usuários de narguilé da comunidade pesquisada. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se compreender os efeitos da dependência química e a percepção do usuário de narguilé por meio de sensações sobre o efeito durante e após o uso do dispositivo.

Diante disto, essa pesquisa se justifica pela importância de se discutir um assunto relevante e tão pouco estudado, uma vez que o consumo, principalmente entre adolescentes e adultos jovens, cresce a cada dia devido à presença de aditivos que incentivam o consumo (compostos aromatizados), modismo dentro da comunidade, influência de propagandas *online* e simplicidade de se adquirir o equipamento na internet (INCA, 2019b). Além disso, é

imperioso que se compreenda os efeitos tóxicos para que possam ser criadas práticas em saúde preventivas e de conscientização para controle do uso do narguilé.

Para alcançar os objetivos do trabalho, para este estudo foi adotado o método de pesquisa quantitativo, com abordagem descritiva e de campo. Para tanto, realizou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica, por meio de bases de dados científicos, posteriormente foram enviados questionários estruturados, através de uma comunidade de uma rede social de usuários de narguilé de Sete Lagoas-MG. Foi utilizada a estatística descritiva para a apresentação dos resultados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O TABAGISMO NO BRASIL

O tabagismo é definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma enfermidade crônica e viciante (OMS, 2019). O Instituto Nacional do Câncer (INCA) reconhece o tabagismo como um dos principais motivos para a elevação das taxas de mortalidade no mundo, levando a óbito, prematuramente, cerca de 10 milhões de pessoas todos os anos, devido ao infarto agudo do miocárdio (IAM), acidente vascular encefálico (AVE), infecções das vias aéreas e câncer, com maior incidência no trato respiratório, apesar de ser um fator risco para todos os tipos cânceres (INCA, 2019b).

Além dos impactos na saúde dos consumidores, o tabagismo é visto como um problema direto para o sistema de saúde pública que afeta negativamente nos gastos nacionais em saúde, uma vez que seus usuários demandam os serviços de altos custos com assistência médica, afastamentos do trabalho por complicações em saúde e aumento dos índices de morbimortalidade (BARBOSA; FONSECA, 2019). Pinto, Pichon-Riviere e Bardach (2015) descreveram que anualmente no Brasil o tabaco é causador de 147.072 óbitos, além de 157.126 por IAM, 75.663 AVE e 63.753 por cânceres, com maior predomínio no pulmão, gerando uma despesa de 23,37 bilhões por ano no país.

2.2 O NARGUILÉ

Criado na Índia, o narguilé foi projetado por um médico responsável pela família real que sugeriu que se o tabaco passasse pela água antes de sua inalação, purificaria sua fumaça e seria menos prejudicial à saúde humana (SALLOUM *et al.*, 2016). Durante a década de 1990, houve uma popularização da utilização do narguilé entre os jovens do ocidente, deixando de ser utilizado apenas na Ásia e Oriente Médio (MARTINS; SANTOS, 2019).

Embora existam muitas variedades de narguilé, o mais popular é conhecido como *shisha*, *narghileh* ou *hookah*, cujo mecanismo possui um forninho, descrito como *rosh* ou vaso para tabaco (onde se coloca até 10 g do mesmo), um recipiente para água ou qualquer outro líquido (vodca, licor, entre outras), uma mangueira e um bocal (piteira) por onde o usuário aspira a fumaça (INCA, 2017). O carvão aquecido é colocado em cima do *rosh* para sofrer combustão. O ar aquecido passa pelo tabaco, aumentando a sua temperatura, produz a fumaça, que flui pelo corpo do narguilé, borbulha no líquido do recipiente e é puxada pela mangueira até o fumante. Assim, além do tabaco, várias substâncias são inaladas pelos usuários do narguilé como resultado da queima (PASSOS; OLIVEIRA, 2019).

Cabe destacar que existe uma convicção de que o narguilé acarreta menos danos à saúde que outros métodos de consumo de tabaco, estimulado pelo fato de ser considerado algo mais natural, devido à presença de água em seu recipiente e por acreditarem que não ocasiona dependência química. No entanto, esses usuários possuem mais risco de dependência e maiores prejuízos à saúde, visto que o narguilé não possui filtro, apresenta alto contato com a fumaça e seus efeitos tóxicos, aumenta os batimentos cardíacos e apresenta maior concentração de nicotina (quando comparado com o cigarro de papel tradicional) (ROCHA *et al.*, 2019). Contudo, este conceito veio desde a criação do narguilé e atualmente é reforçada pelo *marketing* positivo, que fala sobre a ausência de produtos químicos e a associação com produtos naturais, como coco e abacaxi, diferentemente das embalagens de cigarro que apresentam advertências sanitárias obrigatórias (INCA, 2017).

Outro fator que contribuiu para a popularização do narguilé foi a chegada do massel (tabaco aromatizado), que é uma espécie de xarope (glicerol, mel ou melaço) que aromatiza o tabaco (INCA, 2019a). Antes disso, os usuários utilizavam um “manipulado” do tabaco bruto, triturado, mesclado com água, prensado e adaptado ao tamanho *rosh* antes do uso. Normalmente este método produzia uma fumaça forte e densa, diferente da fumaça produzida

hoje com massel, aromatizada e suave (INCA, 2017). Com isto, o massel proporcionou um aumento na comercialização do tabaco para o narguilé, o qual apresenta ser muito mais prazeroso e atrativo, trazendo uma vasta variedade de sabores e aromas (INCA, 2019c).

De acordo com INCA (2019a) e Rocha *et al.* (2019), existem vários fatores que podem influenciar na composição química da fumaça produzida pelo narguilé, sendo eles: a qualidade da matéria prima do carvão e do tabaco, a taxa de permeabilidade de ar da mangueira, a capacidade e o tipo de líquido acrescentado na base do narguilé e a topografia da tragada (frequência, volume, duração e pausas entre as mesmas). Existem próximo de 9.600 substâncias expelidas pela queima do tabaco, estando mais presentes o o monóxido de carbono (CO) e hidrocarbonetos aromáticos policíclicos (HAP) (ANVISA, 2012; RODGMAN; PERFETTI, 2016).

Martins e Santos (2019) também descreveram problemas relacionados a intoxicações agudas graves devido a altas concentrações de carboxi-hemoglobina (COHb), substância proveniente da queima do carvão do narguilé, que é dez vezes mais concentrada quando comparada ao cigarro industrial. Os valores de COHb em indivíduos não fumantes é de 1,6%, para os que utilizam o cigarro industrial atinge 6,5%, enquanto que para os usuários de narguilé pode chegar a atingir até 10,1%.

São várias as consequências da utilização do narguilé. De acordo com Malta *et al.* (2018), pessoas que entram em contato com a fumaça de narguilé possuem risco elevado de ter leucemia, devido a absorção de benzeno. Já de acordo com Sales *et al.* (2019), estas substâncias tóxicas são responsáveis por dependência química nos consumidores, além do aumento dos níveis de doenças cardíacas, pulmonares e até mesmo evolução para cânceres.

3 METODOLOGIA

A pesquisa refere-se a um estudo transversal de caráter exploratório e descritivo, com natureza aplicada e abordagem quantitativa, que visou traçar o perfil de consumo, entender os efeitos da dependência química e a percepção do usuário de narguilé por meio de sensações sobre o efeito durante e após o uso do dispositivo de uma comunidade virtual de Sete Lagoas-MG. A primeira etapa do presente trabalho constituiu em uma pesquisa bibliográfica com o intuito de discorrer sobre a história do narguilé e compreender os efeitos da fumaça da queima

do tabaco sobre a saúde do usuário. Os autores pesquisados subsidiaram a construção do trabalho e a discussão dos resultados encontrados (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2003; MEDEIRO; TOMASI, 2016).

A segunda etapa foi composta por uma pesquisa de campo, cuja amostra foi selecionada por conveniência, utilizando-se os integrantes de um grupo de *WhatsApp*, plataforma *online* de relacionamento, denominado “Narguileiro Nato OFC”, específico para usuários de narguilé de Sete Lagoas, que até o fechamento da pesquisa, possuía 192 participantes. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão da pesquisa: consumidores que faziam o uso do tabaco através do narguilé, que fizessem parte do grupo e que aceitassem participar da pesquisa após a concordância com o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, que elucidava que a participação era voluntária e confidencial, com garantia do anonimato dos participantes.

Para coletar todos os dados, utilizou-se o *Google forms*, plataforma de questionário virtual, com roteiro semiestruturado, auto preenchível e sem identificação, cujo link foi enviado para o grupo de *WhatsApp*, com autorização do administrador. O questionário ficou disponível pelo período de sete dias durante o mês de março de 2020. O mesmo foi composto por dezesseis questões objetivas, com resposta única ou de resposta múltipla. As perguntas versavam sobre perfil do usuário, em relação ao sexo, idade, hábitos e influência social, uso de outros dispositivos de consumo de fonte de nicotina, frequência de consumo, riscos associados à utilização do narguilé, além da percepção da sensação sobre os efeitos durante e após o uso do dispositivo.

As respostas foram tabuladas em *Microsoft Excel*[®], analisadas através da estatística descritiva, organizadas e discutidas conforme os objetivos da pesquisa e posteriormente explicadas em concordância com a literatura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 192 integrantes do grupo “Narguileiro Nato OFC”, apenas 22 responderam ao questionário, o que representou uma mostra de 11,5% da população estudada. Por ser uma amostra não representativa, optou-se por realizar apenas a descrição dos dados obtidos.

De acordo com as respostas obtidas (TABELA 1), é possível observar que dos 22 entrevistados, o uso do narguilé é mais proeminente no público do sexo masculino (68,2%), em relação ao público do sexo feminino (31,8%). Além disto, a faixa etária de maior consumo está entre 25 a 30 anos. Cabe ressaltar ainda que foi identificado o consumo de narguilé em menores de 18 anos (13,6%), evidenciando o consumo precoce deste tipo de droga.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos usuários de narguilé entrevistados (n=22).

CARACTERÍSTICAS	n	%
Sexo		
Masculino	15	68,2
Feminino	7	31,8
Faixa etária		
Menor de 18 anos	3	13,6
18 a 24 anos	6	27,3
25 a 30 anos	13	59,1
TOTAL	22	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Os resultados corroboram com a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada com 60.225 cidadãos, com faixa etária igual ou superior a 18 anos, que identificou que 68% dos usuários são homens (IBGE, 2013). No entanto, o presente estudo apresentou diferença quanto ao trabalho de Menezes *et al.* (2015), que identificaram maior consumo na faixa etária de 40 a 59 anos (53%), diferentemente das outras faixas, 18 a 29 (23,6%) e 30 a 39 (23,4%). É importante destacar que o baixo índice de consumo de tabaco pelas mulheres pode estar associado a possíveis adoções de hábitos de vida mais saudáveis, direcionando maiores cuidados com a qualidade de vida e melhores escolhas em relação à saúde (SILVEIRA *et al.*, 2019).

Percebe-se, portanto, que o problema de consumo de tabaco em menores de idade é preocupante, uma vez que são proibidas as propagandas em meios de comunicação e vendas para menores que 18 anos (BRASIL, 2012; SILVEIRA *et al.*, 2019). De acordo com Figueiredo *et al.* (2016), em uma pesquisa com 74.589 adolescentes, cerca de 18,5% destes, de 12 a 17 anos, já haviam experimentado tabaco pelo menos uma vez na vida, evidenciando que mesmo com a proibição, os adolescentes ainda conseguem obter e consumir o tabaco.

Quando questionados sobre o consumo de cigarro comum ou outro dispositivo que utilizasse tabaco, 8 (36,4%) dos entrevistados negaram ter consumido, enquanto os outros 14 (63,6%) afirmaram ter consumido. Para os que confirmaram o uso, foi solicitado que elencassem quais dispositivos já haviam sido utilizados pelos mesmos. Nessa pergunta era

possível marcar mais de um tipo de opção, portanto, dos 14 entrevistados, identificou-se o consumo de vape (35,7%), cigarro de palha (35,7%), cigarro eletrônico (21,4%), cigarro tradicional (21,6%) e cigarro mentolado (7,1%) (GRÁFICO 1).

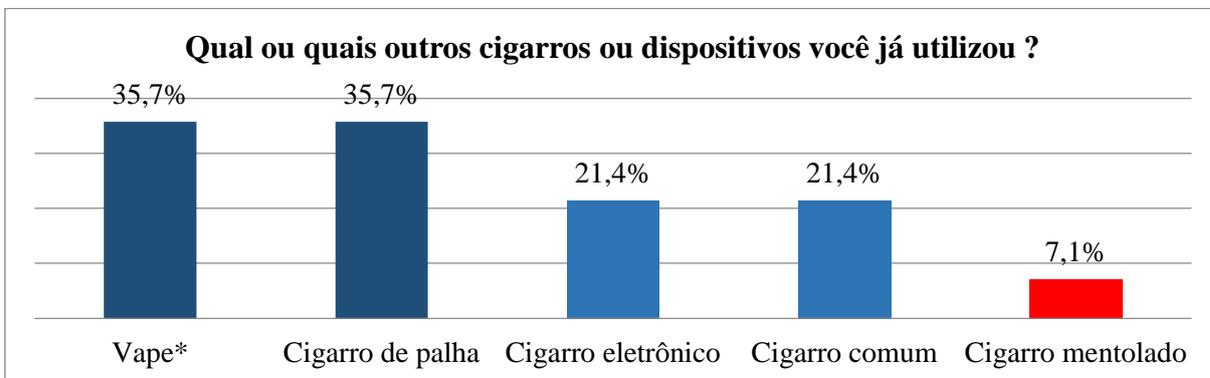


Gráfico 1: Fontes de nicotina utilizadas pelos entrevistados que alegaram seu uso, além do narguilé (n=14). Era possível marcar mais de uma opção de fonte de nicotina.

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

*Vape é um tipo de cigarro eletrônico que produz muita fumaça.

De acordo com Menezes *et al.* (2015), o consumo de narguilé vem expandindo em virtude de que as sessões são vistas como uma atividade de lazer e entretenimento, a qual é geralmente compartilhada em bares e residências, por amigos e familiares. Dos 22 entrevistados, 45,5% responderam que associam a prática de fumar narguilé com outras atividades sociais, enquanto 13,6% responderam “quase sempre”, 18,2% “às vezes” e 22,7% que disseram que não (GRÁFICO 2). No entanto, é importante salientar que o narguilé possui a característica particular de poder ser utilizado por várias pessoas simultaneamente, o que aumenta drasticamente o uso comunitário em eventos sociais (INCA, 2019c).

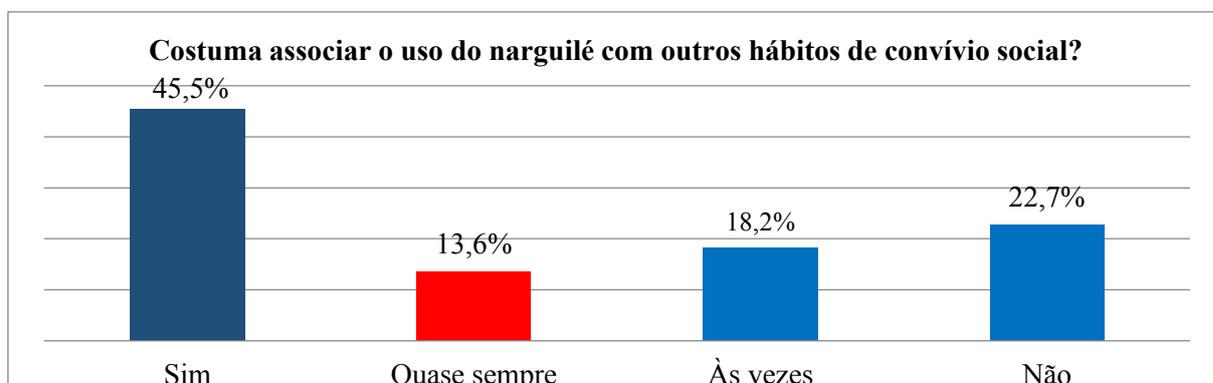


Gráfico 2: Associação do narguilé a outros hábitos de convívio (n=22).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Desta forma, para entender as práticas e meios de consumo do narguilé, questionou-se aos entrevistados sobre os motivos que levaram ao consumo do mesmo, sendo que 40,9% afirmaram que foi por curiosidade/vontade própria, 40,9% influência de amigos e apenas 18,2% buscaram apenas satisfação sensorial (aroma) (GRÁFICO 3). Vale ressaltar que apesar de 45,5% dos entrevistados alegarem que o narguilé não ajudou a fazer parte do grupo atual de amizade, 40,9% concluíram que o uso contribuiu na inserção no grupo atual de amigos, seguindo de 13,6% que responderam “em parte” (GRÁFICO 4), demonstrando o fato de que a consumo do narguilé fortalece o aspecto da socialização em pessoas (INCA, 2019c).

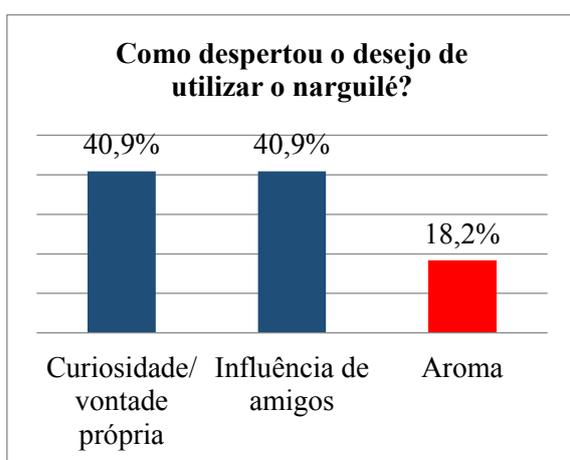


Gráfico 3: Motivos que despertaram o interesse em usar o narguilé (n=22).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

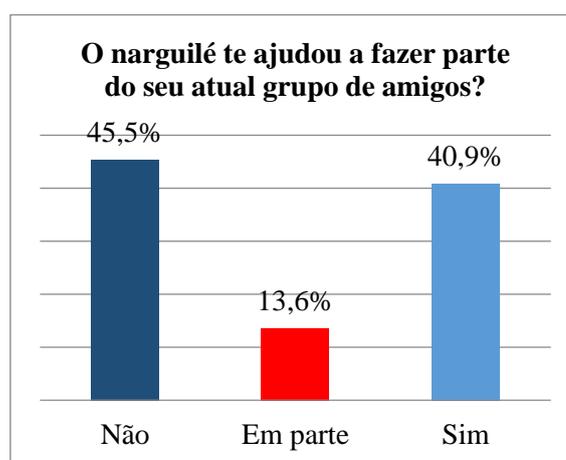


Gráfico 4: O uso de narguilé e a influência dos amigos (n=22).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Uma das práticas comuns aos consumidores de narguilé é a associação com outros tipos de drogas, sendo que de acordo com Araújo *et al.* (2019), a ingestão de bebidas alcoólicas é cerca de três vezes maior em consumidores de narguilé, quando comparado com pessoas não utilizam o tabaco. Além disto, o narguilé, por ser um equipamento multifacetado, possui compartimento no qual é possível adicionar outros líquidos, como bebidas alcoólicas (normalmente utiliza-se água), o que potencializa o efeito do mesmo, além da utilização de maconha em vez do tabaco (INCA, 2019a). Na presente pesquisa, apenas 18,2% dos entrevistados alegaram já ter associado a prática com bebida alcoólica (trocavam a água por vodca), os outros 81,8% disseram que preferem sentir apenas o sabor da essência do massel.

De acordo com o GRÁFICO 5, evidencia-se a frequência de consumo do narguilé dos usuários entrevistados, na qual 9,1% dos entrevistados alegaram utilizar o equipamento

mais de uma vez por dia, 13,6% uma vez ao dia, 22,7% três ou mais vezes por semana, 4,5% uma vez por semana, 22,7% duas vezes ao mês e 27,3% pelo menos uma vez por mês.

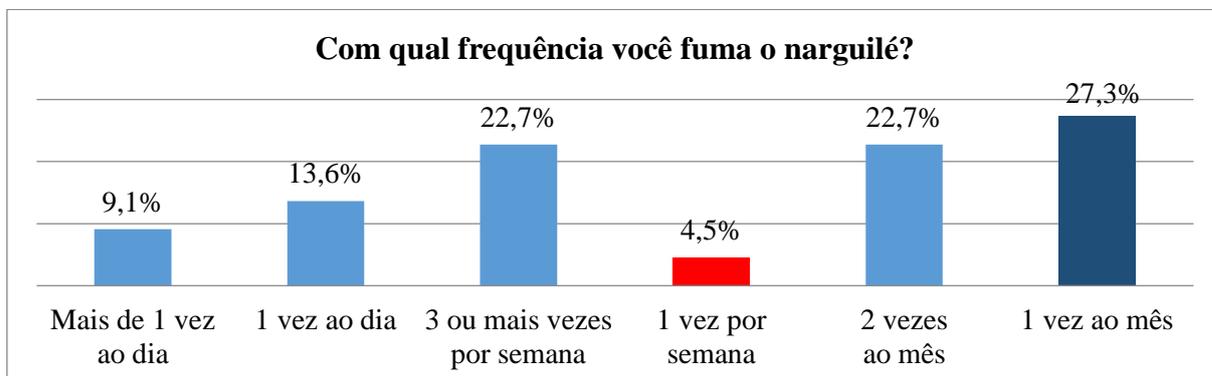


Gráfico 5: Frequência de uso do narguilé pelos entrevistados (n=22).
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A duração média de cada sessão de narguilé é de até 60 minutos para 68,2% dos entrevistados, 90 minutos para 18,2% deles, e acima de 90 minutos para 13,6% (GRÁFICO 6). Já em relação à quantidade de *rosh*, 54,5% afirmam consumir de 2 a 4, 40,9% apenas 1 e 4,5% consomem de 5 a 7 (GRÁFICO 7). A alta exposição às substâncias presentes no tabaco do narguilé pode ocasionar elevação dos batimentos cardíacos, concentrações plasmáticas de monóxido de carbono (CO) e nicotina, que pode levar ao quadro clínico de hipóxia cerebral, além de alta exposição a metais pesados tóxicos, como cádmio (INCA, 2019c).

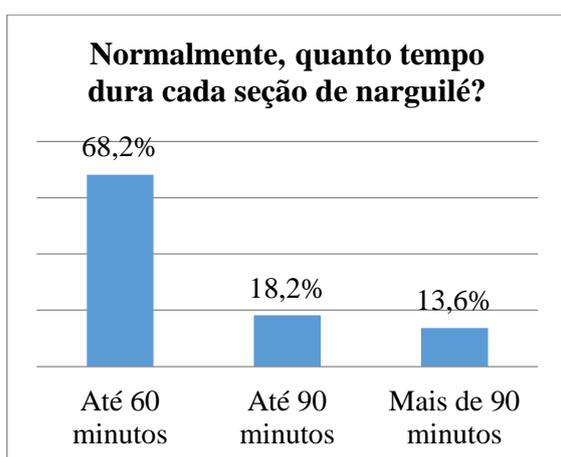


Gráfico 6: Tempo de uso do narguilé por sessão (n=22).
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

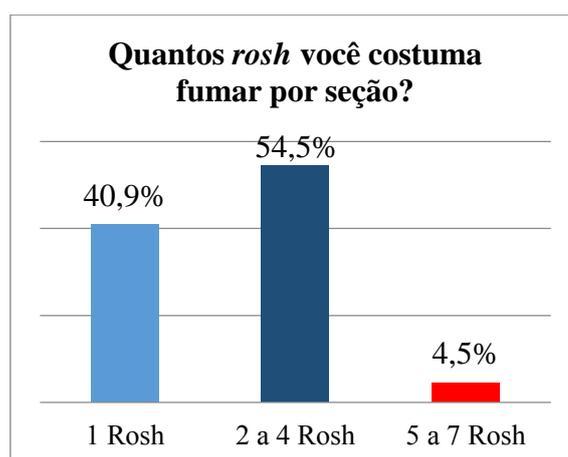


Gráfico 7: Número de rosh que são utilizados por sessão (n=22).
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

É válido ressaltar que existe o problema da “tolerância à droga” devido aos efeitos da nicotina, que ocasionam alterações no sistema nervoso central (SNC), estimulam a síntese de neurotransmissores que manifestam a sensação de prazer (o processo demora de 7 a 19

segundos). Dessa forma, cria-se um sistema de uso e recompensa para o cérebro, que busca doses cada vez mais frequentes para manter o nível de satisfação anterior, justificando, assim, o alto consumo e a quantidade excessiva de *rosh* por sessão (INCA, 2019c).

Em relação aos danos causados à saúde, a maioria (86,4%) dos entrevistados alegou acreditar que a utilização do narguilé pode ser prejudicial à saúde. Em pesquisa realizada por Martins *et al.* (2014), com 586 alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, conduzida entre 2008 e 2013, demonstrou que mesmo entendendo os riscos das impurezas da fumaça do tabaco, sabendo que ela não é filtrada pela água na base do equipamento, além dos riscos de dependência da nicotina, cerca de 40% dos estudantes já tinham feito o uso do narguilé. Além disto, de acordo com Menezes *et al.* (2015), na Pesquisa Nacional de Saúde, os consumidores de tabaco normalmente são jovens que estão no ensino médio ou universitários e apresentam o mínimo de conhecimento básico sobre os riscos que estão expostos com a utilização do narguilé.

Questionou-se, também, sobre sintomas e sensações que os entrevistados apresentavam durante e após o uso do narguilé, sendo que eles poderiam relatar mais de uma opção. Durante o uso, 40,9% sentiram leveza/relaxamento, 31,8% pressão baixa, 18,2% prazer/felicidade e 9,1% tranquilidade, 9,1% alívio, 9,1% tontura e 9,1% não apresentavam sensações diferentes (GRÁFICO 8). Sobre as sensações após o uso do narguilé, 68,2% mencionaram não apresentar qualquer sintoma, 9,1% alegaram sentir fome, 9,1% leveza/relaxamento, 9,1% prazer/felicidade, 4,5% falta de ar e 4,5% alívio (GRÁFICO 9).

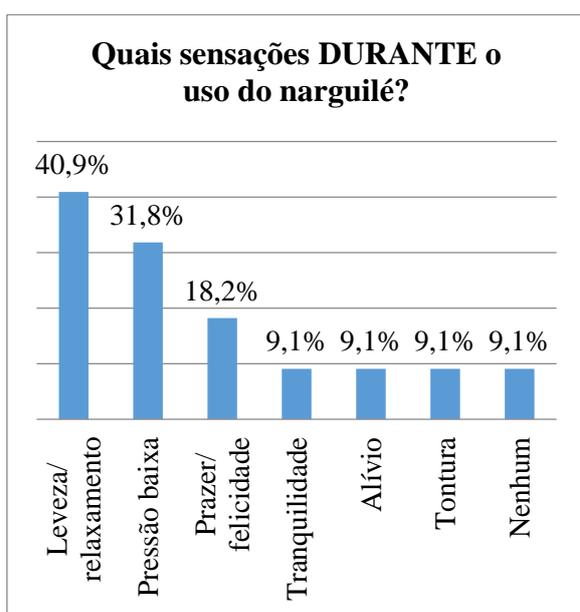


Gráfico 8: Sensações mencionadas durante o uso do narguilé (n=22).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

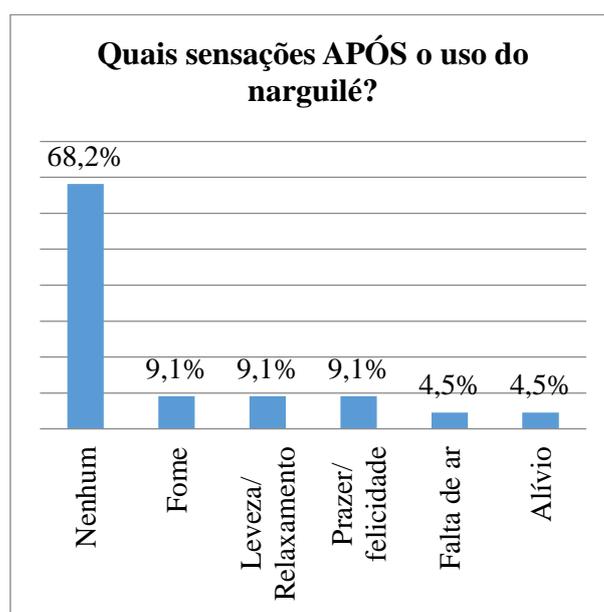


Gráfico 9: Sensações mencionadas após o uso do narguilé (n=22).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

De acordo com o INCA (2017; 2019c), as sensações e/ou sintomas citados durante e após o uso do narguilé podem estar relacionados aos efeitos causados pela nicotina, como: tonturas, vertigem, confusão mental e náuseas, além do efeito sobre os neurotransmissores que manifestam a sensação de prazer. Outro composto tóxico é o monóxido de carbono (CO), decorrente da queima do tabaco e combustão do carvão. Ele provoca baixa oxigenação do cérebro, pois concorre com o oxigênio para interação com a hemoglobina no sangue e pode causar problemas como comprometimento da coordenação motora, tonturas, sonolência e fadiga (INCA, 2019c). Além disto, ainda existem os hidrocarbonetos policíclicos, produzidos a partir da combustão incompleta de qualquer material orgânico que, em longo prazo, podem ocasionar mutagenicidade da célula e predisposição ao desenvolvimento de cânceres (LEACHI *et al.*, 2020).

Outros fatores intrínsecos do narguilé também elevam a taxa de exposição aos compostos nocivos do tabaco e da fumaça que geral, como: ausência de filtro; queima de carvão; altos volumes de tragadas durante uma sessão; alto tempo de duração em cada sessão; maior taxa de nicotina (2 a 4%), quando comparado com o cigarro comum (1 a 3%) (ROCHA *et al.*, 2019). Esses fatores podem predispor a um nível de dependência grande entre os usuários de narguilé. De acordo com a presente pesquisa, quando perguntados sobre os sintomas após um intervalo de abstinência do narguilé (era possível marcar mais de uma alternativa), 41,2% dos entrevistados afirmaram não sentir nada, mas os demais 58,8% alegaram sentir pelo menos um dos seguintes sintomas: tristeza (20,6%), irritabilidade (17,6%), ansiedade (14,7%), tremores (2,9%) e tosse (2,9%) (GRÁFICO 10). A maioria destes fatores está ligado à alteração do SNC e dependem de vários fatores homeostáticos dos entrevistados, que podem ou não estar associados à falta de nicotina no corpo.

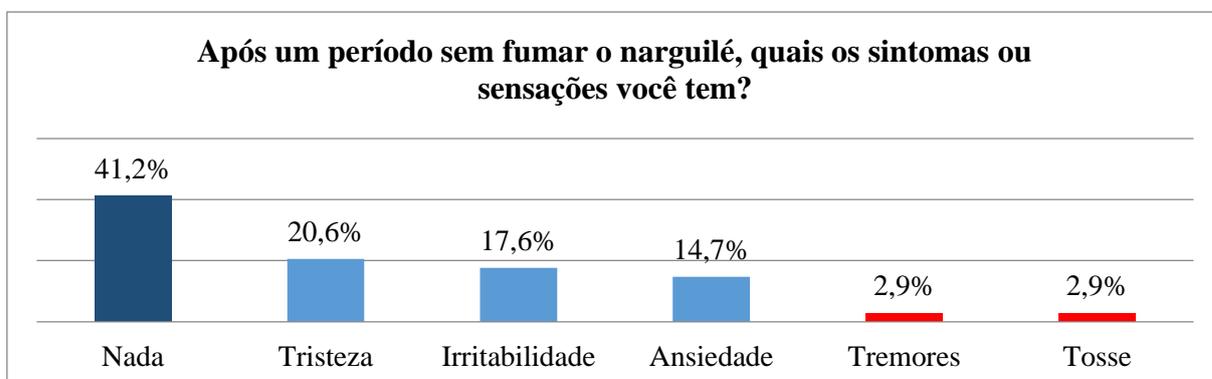


Gráfico 10: Sintomas relatados após um período sem fumar o narguilé (n=22).

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Sobretudo, ainda existem riscos de doenças que não estão totalmente correlatadas com a presença de nicotina e da fumaça em si, como é o caso das doenças infectocontagiosas como hepatite C, herpes e tuberculose, que podem ocorrer devido ao compartilhamento de piteiras já utilizadas por outros usuários (INCA, 2019a; 2019c).

No entanto, cabe ressaltar que a cessação do hábito de fumar é de suma importância para a população e é recomendável que toda a comunidade se una contra esse vício. Embora existam muitas ferramentas de informação, algumas pessoas desconhecem os métodos preventivos e tratamento para fumantes e até ignoram os impactos devastadores dessa dependência. Alguns males podem ser evitáveis através de conscientização, atendimentos especializados com profissionais treinados, dinâmica de grupos e terapia comportamental, além de informações complementares sobre as complicações do tratamento (SALES *et al.*, 2019).

Cabe ao farmacêutico participar de todo o processo de cessação do uso do tabaco, através de métodos que estimulem o paciente fumante a parar o consumo, por meio da ênfase do quão prejudicial é essa prática, além de ser responsável pela orientação farmacêutica e acolhimento dos pacientes de forma humanizada (ARAÚJO NETO *et al.*, 2019; SANTANA *et al.*, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, foi possível caracterizar o perfil de consumo de narguilé de um pequeno grupo de usuários de Sete Lagoas-MG. A maior utilização foi do público de adultos jovens, do sexo masculino, que utilizam o equipamento pelo menos uma vez por mês e possuíam conhecimento dos malefícios à saúde, apesar de manterem o uso do narguilé. Apesar dos entrevistados relatarem não ter efeitos colaterais causados pela intoxicação e dependência do tabaco, foram identificados sintomas de tristeza, irritabilidade, ansiedade, tremores e tosse, que podem estar associados à dependência de nicotina no corpo. Esses resultados corroboram com as hipóteses levantadas no trabalho. É válido ressaltar que grande parte dos consumidores associa o consumo com outros hábitos de convívio social, o que, de certa forma, incentiva a utilização de outras drogas em grupos.

Com isto, para minimizar o consumo do tabaco em crescente ascensão no meio adulto jovem e, conseqüentemente, o desejo da utilização do narguilé, deve ser ofertado um tratamento efetivo para aqueles que manifestem vontade de cessar o uso, com o apoio de uma equipe multidisciplinar, na qual o farmacêutico ali se encontra presente. É importante que seja focado o uso do narguilé, uma vez que podem ser muito danosos, visto que apresentam formato atrativo, visto como objeto a ostentação e recreação. Cabe, portanto, ao farmacêutico estimular a cessação do tabaco com orientações voltadas aos efeitos colaterais da prática, orientar sobre a terapêutica farmacológica disponível, além de promover o acolhimento dos pacientes de forma humanizada.

Esta pesquisa limitou-se a avaliar o perfil de 22 usuários de narguilé de um grupo fechado de *Whatsapp*. Sugere-se que para trabalhos futuros sejam elaboradas pesquisas quantitativas com maior número amostral, além de trabalhos qualitativos, a fim de elucidar os possíveis motivos psicológicos e toxicológicos da dependência dos usuários quanto ao tabaco.

REFERÊNCIAS

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução da diretoria colegiada - RDC nº 14, de 15 de março de 2012. Dispõe sobre os limites máximos de alcatrão, nicotina e monóxido de carbono nos cigarros e a restrição do uso de aditivos nos produtos fumígenos derivados do tabaco, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 16 mar. 2012. Seção 1, nº 53, p. 176. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2978962/RDC_14_2012_.pdf/baeb28a7-90fc-49f3-9bf8-761de80af0b7>. Acesso em: 02 mai. 2020.

ARAÚJO NETO, Joaquim Horácio de *et al.* Aspectos gerais do tratamento de cessação do tabagismo: uma revisão da literatura. **Revinter**, v. 12, n. 2, p. 66-83, jun. 2019. ISSN 1984-3577. Disponível em: <<http://autores.revistarevinter.com.br/index.php?journal=toxicologia&page=article&op=view&path%5B%5D=446&path%5B%5D=611>>. Acesso em: 16 set. 2019.

ARAÚJO, Roseliane de Souza *et al.* Fatores relacionados ao consumo do narguilé entre estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 45, n. 5, e20180184, 2019. ISSN 1806-3756. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-37132019000500207&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-3713/e20180184>.

BARBOSA, Rose Elizabeth Cabral; FONSECA, Giovanni Campos. Prevalência de tabagismo entre professores da Educação Básica no Brasil, 2016. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, e00180217, 2019. ISSN 1678-4464. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2019000505004&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00180217>.

BRASIL. Lei nº 4.771, de 22 de fevereiro de 2012. Dispõe sobre proibição da comercialização e da utilização do cachimbo conhecido como narguilé aos menores de dezoito anos de idade. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 fev. 2012. Seção 1, p. 4. Disponível em: <https://www.normasbrasil.com.br/norma/lei-4771-2012-df_237965.html>. Acesso em: 02 mai. 2020.

FIGUEIREDO, Valeska Carvalho *et al.* ERICA: prevalência de tabagismo em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl.1, p. 1S-10S, 2016. ISSN 1518-8787. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102016000200313&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 02 mai. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S01518-8787.2016050006741>.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed.São Paulo. Atlas S. A., 2008. ISBN 978-85-224-5142-5.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional da Saúde 2013**: percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas. Brasil, grandes regiões e unidades da federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. ISBN: 978-85-240-4334-5. Disponível em: <<ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Nota técnica**: uso de narguilé: efeitos sobre a saúde, necessidades de pesquisa e ações recomendadas para legisladores. 2. ed. Rio de Janeiro: INCA, 2017. ISBN: 978-85-7318-323-8. Disponível em: <http://actbr.org.br/uploads/arquivo/1153_Narguile.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2020.

_____. **Narguilé**: O que sabemos? Rio de Janeiro: INCA, 2019a. ISBN 978-85-7318-382-5. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/narguile-o-que-sabemos>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

_____. **Dados e números da prevalência do tabagismo**. Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco. 2019b. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-prevalencia-tabagismo>>. Acesso em: 08 mar. 2020.

_____. **Não deixe o tabaco tirar o seu fôlego**: escolha saúde, não o tabaco. Rio de Janeiro: INCA, 2019c. Disponível em:

<<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/manual-dia-nacional-combate-fumo-2019.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LEACHI, Helenize Ferreira Lima *et al.* Polycyclic aromatic hydrocarbons and development of respiratory and cardiovascular diseases in workers. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 3, e20180965, 2020. ISSN 1984-0446. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672020000300301&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0965>.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Fatores associados ao uso de narguilé e outros produtos do tabaco entre escolares, Brasil, 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.l.], v. 21, supl. 1, p. e180006, 2018. ISSN 1980-5497. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-790X2018000200412&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 16 set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180006.supl.1>.

MARCONI, Marina Andrade. LAKATOS, Eva Marconi. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo. Atlas S. A. 2003. ISBN 85-224-3397-6.

MARTINS, Stella Regina *et al.* Experimentação e conhecimento sobre narguilé entre estudantes de medicina de uma importante universidade do Brasil. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 102-110, abr. 2014. ISSN 1806-3713. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-37132014000200102&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1806-37132014000200002>.

MARTINS, Stella Regina; SANTOS, Ubiratan de Paula. Narguilé, uma forma de consumo de tabaco em ascensão. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 45, n. 5, e20190315, 2019. ISSN 1806-3756. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-37132019000500102&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 19 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-3713/e20190315>.

MEDEIROS, João Bosco; TOMASI, Carolina. **Redação de artigos científicos**. Métodos de Realização, seleção de periódicos, publicação. São Paulo: Atlas, 2016. ISBN: 97-885-9700119-8.

MENEZES, Ana Maria Baptista *et al.* Frequência do uso de narguilé em adultos e sua distribuição conforme características sociodemográficas, moradia urbana ou rural e unidades federativas: Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), 2013. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, supl. 2, p. 57-67, dez. 2015. ISSN 1980-5497. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v18s2/1980-5497-rbepid-18-s2-00057.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500060006>.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório da OMS sobre a epidemia global de tabagismo, 2019**: oferecer ajuda para deixar de fumar. Genebra: OMS, 2019.

Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/325968/WHO-NMH-PND-2019.5-por.pdf?ua=1>>. Acesso em: 18 out. 2019.

OZGUNAY, Seyda Efsun *et al.* Relação entre consumo de tabaco e concentração de monóxido de carbono na expiração com complicações respiratórias perioperatórias. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Campinas, v. 68, n. 5, p. 462-471, out. 2018. ISSN 1806-907X. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-70942018000500462&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bjane.2018.02.003>.

PASSOS, Marco Aurélio Ninômia; OLIVEIRA, Aline da Conceição. Efeitos Do Uso Do Narguilé Sobre A Saúde E A Visão Dos Jovens Sobre O Tema. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 165-171, 2019. ISSN 2595-1661. Disponível em: <<http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/15>>. Acesso em: 19 out. 2019.

PINTO, Márcia Teixeira; PICHON-RIVIERE, Andres; BARDACH, Ariel. Estimativa da carga do tabagismo no Brasil: mortalidade, morbidade e custos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 1283-1297, 2015. ISSN 1678-4464. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000601283&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00192013>.

ROCHA, Evandro Franco *et al.* O cigarro, o narguilé e a doença periodontal. Blumenau: **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.l.], v. 28, 2019. ISSN 2178-2091. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/784>>. Acesos em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e784.2019>.

RODGMAN, Alan. PERFETTI, Thomas. **The chemical components of Tobacco and Tobacco Smoke**. 2. ed. Boca Raton: CRC Press, 2016. ISBN 9780429096266. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9780429096266>>. Acesos em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1201/b13973>

ROLLEMBERG, Eduarda Vidal. Abordagem terapêutica para cessação do tabagismo em esquizofrênicos: uma revisão de literatura. **Revista Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 3, p. 359-371, 2017. ISSN 2238-5339. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8171>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

SALES, Maria Penha Uchoa *et al.* Atualização na abordagem do tabagismo em pacientes com doenças respiratórias. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 45, n. 3, e20180314, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-37132019000300400&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-3713/e20180314>.

SALLOUM, Ramzi *et al.* Patterns of waterpipe tobacco smoking among u.s. young adults, 2013–2014. **American Journal of Preventive Medicine**, [S.l.], v. 52, n. 4, p. 507-512, 2016.

Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27890515>>. Acesso em: 19 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2016.10.015>.

SILVEIRA, Pablo Magno *et al.* Tabagismo em trabalhadores da indústria no Brasil: associação com fatores sociodemográficos, consumo de bebidas alcoólicas e nível de estresse. Florianópolis: **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 46, n. 1, 2019. ISSN 1806-3756. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v46n1/pt_1806-3713-jbpneu-46-01-e20180385.pdf> Acesso em: 02 mai. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-3713/e20180385>.

SANTANA, Kamila dos Santos *et al.* O papel do profissional farmacêutico na promoção da saúde e do uso racional de medicamentos. **Revista FAEMA**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 399-412, 2018. ISSN 2179-4200. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/538>>. Acesso em: 16 set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31072/rcf.v9i1.538>.